

Festa do Santo Preto: Comunicação e Cultura dos Marujos de Freguesia do Andirá¹

Hudson Roberto BELTRÃO JÚNIOR²
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA.

Resumo

Este trabalho teve como objetivo geral investigar os processos comunicacionais na Festa dos Marujos do distrito de Freguesia do Andirá, no município de Barreirinha, estado do Amazonas. O estudo permite conhecer e entender melhor esta festa amazônica, apresentando seus principais aspectos e ritos. Para tanto, assumiu-se a perspectiva dos estudos de Luiz Beltrão (1980) acerca da folkcomunicação, dentre outros estudiosos contemporâneos do tema. Com base na antropologia, esta pesquisa utiliza como método de investigação a etnografia, e como técnica de coleta de dados a História Oral.

Palavras-chave: Festa; Marujos; São Benedito; Folkcomunicação; Freguesia do Andirá.

1 Introdução

Os festejos e cultos em homenagem aos santos do catolicismo são práticas comuns no estado do Amazonas e em toda a região Amazônica, religiosidade que está diretamente ligada à crença e ao modo de vida dos seus realizadores. De acordo com Figueiredo (1999, p.121), “a festa de santo descortina o imaginário do morador da localidade, a partir das representações cotidianas transportadas para os momentos festivos como não-formais e não-cotidianos”.

A tradicional festa dos marujos já acontece há mais de 100 anos no distrito de Freguesia do Andirá, município de Barreirinha³, na região do baixo do Amazonas. Essa religiosidade mescla as tradições católicas (Catolicismo Popular⁴) com as heranças da cultura africana, e tem como ponto forte a devoção a São Benedito, os rituais dos Marujos, e o encontro da comunidade em momentos específicos para celebrarem sua fé.

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando no Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Email: hudsonbeltrao_jr@hotmail.com.

³ Município localizado no interior do estado do Amazonas, a 372 km, em linha reta, da capital, Manaus. Barreirinha é conhecida por ser a terra de origem do poeta mais popular do Amazonas, Thiago de Melo, conhecido internacionalmente.

⁴ Conjunto de crenças e práticas socialmente reconhecidas como católicas, de que participam, sobretudo, os não-especialistas do sagrado, quer pertençam às classes subalternas ou às classes dominantes. (MAUÉS, 1995).

A festa surge como evento ligado ao universo religioso, e merece destaque pela herança cultural e histórica da manifestação, pela mudança social que ocasiona na comunidade e pelos processos comunicacionais. De acordo com Trigueiro (2005) tais processos podem ser identificados na medida em que os agentes sociais (participantes da festa) operam intercâmbios de informações e produzem mensagens coletivas, as quais dão sentido, através de celebrações associadas às dualidades do mundo real da vida e o mundo ficcional do imaginário simbólico.

Com base nessa perspectiva, este trabalho se dedica a estudar a festa dos Marujos pelo aspecto comunicacional, sob ótica da Folkcomunicação, teoria brasileira criada por Luiz Beltrão (1918-1986), que se dedica a pesquisas que envolvem as camadas e manifestações populares nos universos e em seus processos comunicacionais, no intuito compreendê-las além dos seus aspectos artísticos, entendendo-as como a linguagem do povo.

Para Beltrão (1980) as festas subsidiam o encontro de um povo e são grandes oportunidades de comunicação e atualização da memória social. São meios em que indivíduos comunicam e organizam suas culturas e identificam determinados povos, abordando questão que se referem ao caráter religioso, político, cultural e comercial, formador de grupos desse acontecimento.

A festa de São Benedito já está incorporada no calendário de tradição do povo barreirinhense, se tornando um dos mais importantes acontecimentos religiosos e culturais do município. Desse modo, torna-se relevante este estudo para se conhecer mais sobre a região amazônica, bem como mostrar a importância de se compreender o significado das festas religiosas e populares para o homem caboclo da região, tendo em vista que estudar festas na Amazônia é fazer referência a um mundo amplo de práticas culturais e comunicacionais.

2 Metodologia

Com base na antropologia, esta pesquisa utiliza como método de investigação a etnografia. Por meio dela, foi possível se ter o acesso direto a manifestação religiosa e aos seus realizadores, pontuando contatos significativos, necessários para observação dos fatos sociais. De acordo com Laplantine (2003) a pesquisa etnográfica é uma experiência de imersão profunda no campo de investigação, exigindo do antropólogo uma descrição densa dos acontecimentos, fatos, e fenômenos. Se configura como a forma de o pesquisador

observar e interpretar uma sociedade, com base na sua observação direta, no comunicar-se com ela.

Para Malinowski (1978) a etnografia é um meio fundamental para alcançar o homem em todas as suas dimensões. Torna-se necessário a observação dos fatos sociais, aqueles que aparentemente são insignificantes, cujo seu sentido só pode ser encontrado nas posições respectivas, nos inteiros de uma totalidade mais ampla.

A pesquisa compreendeu as seguintes etapas: exploração e descrição etnográfica do ambiente da festa, dando ênfase, neste trabalho, nos principais ritos. Também foi feito o estudo e reconhecimento de elementos que compõe o festejo, como por exemplo, o repertório de símbolos, e as regras sociais do local.

A pesquisa utilizou como técnica de coleta de dados a História Oral, que segundo Meihy (2002) pode ser delineada como uma alternativa para se estudar a sociedade a partir de outras fontes, além dos escritos oficiais. Esta técnica se utiliza das narrativas orais, recolhidas por depoimentos concedidos por colaboradores, que após serem gravados e transcritos são considerados como documentos finais passíveis de análise e estudo. Optou-se pela história oral devido a falta de material escrito sobre o tema, e por entender que as fontes orais são importantes para a construção da história da festa religiosa.

3 Folkcomunicação

Surgindo em decorrência dos estudos de Luiz Beltrão com sua tese de doutorado defendida em 1967 na Universidade de Brasília (Unb), a Folkcomunicação é uma teoria que apresenta embasamentos para o “estudo dos agentes e dos meios populares de informações, fatos e ideias”, no intuito de analisar as ações comunicacionais das classes populares.

Nesse contexto, ao desenvolver suas pesquisas a respeito do tema, Beltrão (1980) identificou que os grupos excluídos do sistema de comunicação social constituíam outro sistema de comunicação, com suas peculiaridades, e complexo de procedimentos, modalidades, meios, e agentes que ao elaborarem e emitirem suas mensagens, difundem sua vivência, experiência e necessidades. Conforme Beltrão (1980) a característica predominante nos agentes comunicadores e nas formas de transmissão das mensagens populares é a folclórica, considerada como um patrimônio milenar e contemporâneo.

Vale destacar que o folclore, nessa abordagem, é visto como um arcabouço de conhecimento do povo, que está intrínseco na diversidade cultural e que vai sendo recriado

de acordo com o desenvolvimento das sociedades. Conforme Schmidt (2011), essa produção de conhecimento está ligada ao cotidiano, em que se apresentam vários aspectos da vida habitual, os espaços físicos, simbólicos e imaginários.

Identificando a vinculação estreita entre folclore e comunicação popular, Beltrão apresenta como resultado de vários estudos a folkcomunicação, definida como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”. (BELTRÃO, 1980, p.24).

Com base nas definições de Beltrão, pode-se identificar, de uma forma geral, a folkcomunicação como a comunicação que emana do povo, que valoriza as mais variadas formas de manifestações no âmbito comunicacional, como por exemplo, a Festa dos Marujos de Freguesia do Andirá que subsidia encontro de um povo para celebrarem a sua fé e comunicarem sua cultura.

O autor identificou os grupos usuários do sistema de folkcomunicação como marginalizados. É válido destacar que o termo *marginalizado*, nesse caso, é referente a um indivíduo que está entre duas culturas e duas sociedades que nunca se fundiram totalmente. Grupos excluídos da sociedade, e não só do sistema político, mas também do sistema de comunicação social. “E é nesse sentido que os estudos em folkcomunicação são realizados, nos processos comunicacionais dos grupos populares que não têm inserção na cultura erudita e tão pouco na cultura midiática” (SCHMIDT, 2008, p. 08).

Esses grupos apresentam características, valores e tradições que constituem uma identidade diferenciada no entorno social, desvinculada do sistema hegemônico. Conforme Beltrão (1980), nos grupos marginalizados é criado um sistema próprio de comunicação (meios de expressão, vocabulário, códigos, regras, etc.), ao qual são veiculadas mensagens acessíveis a todos os seus participantes.

Beltrão (1980) destaca que esse processo comunicacional acontece de forma artesanal e, é realizado, principalmente, por meio de um agente-comunicador, por ele denominado de *comunicador de folk*.

O comunicador *folk* tem a personalidade dos líderes de opinião identificada nos seus colegas do sistema de comunicação social (...) os líderes agentecomunicadores de *folk*, aparentemente, nem sempre são „autoridades“ reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo (...) admiradores e seguidores. (BELTRÃO, 1980, p. 35).

Torna-se importante destacar que diferentemente do sistema de comunicação social no qual é sempre frequente a presença de líderes de opinião, pessoas com poder econômico e político, no campo da folkcomunicação, os agentes comunicadores de folk nem sempre são reconhecidos por toda a sociedade, mas passam a ter uma postura de liderança na localidade em que atuam (BELTRÃO, 1980).

4 Festa populares e religiosas

Desde os tempos antigos o homem realiza festas e cerimônias em rituais para celebrar a vida, suas crenças e conquistas. Conforme Melo (2008), essas manifestações sempre fizeram parte dos processos de transformações culturais, configurando-se como iniciativas mobilizadoras das comunidades humanas, que assumem dimensões culturais, religiosas, políticas ou comerciais. Desse modo, os conteúdos festas, nas suas diversas dimensões, são essenciais para se compreender a humanidade, pois exprimem sempre uma concepção de mundo (BAKHTIN, 1987, p. 7-8).

Vale ressaltar que de acordo com Ferretti (2012) a maioria dos festejos populares são realizados no contexto da religião. Dessa forma, as festas populares e religiosas constituem um dos elementos essenciais de toda religião, possuindo uma relação estreita.

Maués (1995), ao abordar sobre as festas religiosas e fazendo referência a Marcel Mauss e o conceito de fato social total, destaca:

Festas religiosas populares constituem, ademais, por sua própria natureza ritualística, momentos extraordinários na vida das populações ou comunidades que as realizam, possuindo aquele caráter de fato social total de que nos fala Marcel Mauss, onde se exprimem, “ao mesmo tempo e de uma só vez”, uma grande quantidade de fenômenos, não só de natureza religiosa, mas também fenômenos jurídicos, morais, políticos, econômicos, estéticos etc. Na mesma linha de pensamento deste autor, essas festas constituem formas de prestações totais, uma espécie de potlatch, onde a obrigação de dar, receber e retribuir se estabelece não somente entre os indivíduos humanos, mas também na relação entre os homens e os santos, os homens e a divindade. (MAUÉS 1995. p. 316).

Conforme Durkheim (1989, p. 372, apud FERRETTI, 2012, p. 19) “[...] nos dias de festa, a vida religiosa atinge grau de excepcional intensidade [...]”, pois gera a aproximação entre os indivíduos em diversas atividades voltadas ao sagrado e ao profano, como os ritos, cantos, danças, músicas, momentos de encontros, conversas, bebidas, comidas, etc. Ou seja, cria um estado de efervescência coletiva, que é parte integrante do fenômeno religioso e da festa que contribui para o que Durkheim chama de coesão social.

De acordo com Recuero (2008) as festas religiosas são repletas de signos e símbolos, que são uma forma de interagirem entre o cotidiano profano e o sobrenatural. Os simbolismos presentes nas festas religiosas mostram o quanto a fé define o comportamento de seus participantes, da mesma maneira que mantém presente e atuante os rituais⁵ religiosos.

Na região amazônica, as festas populares e religiosas resultam de práticas culturais de grupos ou populações urbanas mestiças/caboclas, que tem com ponto de referência as influências culturais dos povos indígenas, dos afro-descendentes, e da colonização europeia (BRAGA, 2007). De acordo com Galvão (1953) a festa, considerando o aspecto da religiosidade, é um dos elementos que compõem a identidade da sociedade amazônica, nos quais os santos são cultuados, assumindo um caráter divino.

A religiosidade do caboclo se manifesta, sobretudo, no culto dos santos, ou mais propriamente no de suas imagens locais, a que se empresta caráter de divindade com poderes de ação imediata e não apenas representações de intermediários entre uma força superior e o homem. A expressão máxima do culto dos santos se observa na festividade com que se celebra o “dia do santo”. Cada povoado, sítio, ou comunidade tem o seu santo padroeiro, e alguns mais, de devoção. (GALVÃO, 1953:2).

5 Festa dos Marujos

A cultura dos marujos foi trazida para região pelos escravos negros refugiados, na época da colonização da Amazônia. Ao fixarem na região, reuniam-se para cantar as tradições de seu povo, e organizavam uma irmandade a São Benedito, o popular Santo Preto. De acordo com Lira e Silva (2016), o fato de cultuarem o santo católico se dá porque os negros, no período da escravidão, eram obrigados a se tornarem católicos, e tendo em vista isso, escolhiam o santo que mais se identificavam, por conta da cor de pele.

A popularidade de São Benedito é fruto secular dedicação que lhe devotaram as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos, espalhadas pelo Brasil. Essas irmandades, fundadas e mantidas pelos negros há mais de três séculos, que ainda hoje gozam de grande prestígio, serviram de espaço às reivindicações religiosas e político-sociais de escravos e libertos. Em suas igrejas, construídas por eles próprios, os negros celebravam sua fé, pois eram excluídos da participação da liturgia dos brancos. Misturavam suas crenças aos cultos cristãos, enriquecendo-os com sua ginga e maneira de ser. O gosto pela música, pela dança e por vestimentas coloridas contrastava com o

⁵ De acordo com Mauss (2005, p. 251) “O ritual é uma linguagem convencional pela qual se exprime de maneira imperfeita, o jogo de imagens, e dos sentimentos, íntimos, ele se torna, para nós, a própria realidade”.

formalismo e a frieza da liturgia católica medieval. (ALVES, 2011, p. 5 apud LIRA E SILVA, 2016, S/P).

No decorrer dos anos, a dança dos marujos foi tendo predominância em toda região do rio Andirá, sendo celebrada com muita fartura e participação popular. Dessa forma, seus usos e costumes foram sendo incorporados pela cultura local, surgindo então o festejo como resultado dessa harmonia.

A festa propriamente dita teve início no dia 26 de dezembro de 1864, um ano depois da chegada da imagem de São Benedito a comunidade, trazida da cidade de Belém do Pará. Desde então, evento religioso teve grande ascensão, contando com a participação de um número expressivo de marujos, mordomos, promesseiros, pessoas das comunidades adjacentes, e até mesmo de outros municípios.

No festejo, os participantes brincam, cantam, dançam, rezam, pagam suas promessas de várias formas, características identificadoras nas festas religiosas, que segundo Saraiva e Silva (2008) tem o objetivo de trazer momentos de divertimento, busca do sagrado, pagamento de promessas e realização de novos pedidos ao santo padroeiro. E é por esse motivo que a manifestação religiosa é muito esperada pelo povo, pois é um momento de fé, união, esperança, suspensão dos problemas e humanização na vida dos devotos.

Mas, segundo Miguez (2012, p. 209) “as festas não significam tão somente música, dança, e celebração. São, também, caracteristicamente, um território marcado por disputas e tensões de várias ordens. São, sempre, uma arena de conflitos”. No caso da festa dos Marujos de São Benedito, acontece um conflito religioso com a igreja Católica, pelo fato de a festa não ser oficializada pela instituição religiosa, e por ritualizar as atividades voltadas ao sagrado, onde acontece a ressignificação da mensagem religiosa oficial, no caso da igreja católica, e a canonização das crenças populares (BOURDIEU, 2011). Com base nisso, passa a ter uma relação de poder, e certa concorrência na realização de festejos na comunidade.

No dia 10 de janeiro de 2000, em assembleia, lideranças da Igreja Católica dos municípios de Barreirinha e Parintins, no intuito de oficializar a festa (de dar “autorização” para sua realização), fizeram a transição da mesma para o dia 05 de outubro, mesmo a ideia não sendo bem aceita pela maioria da população local. Com a mudança, o festejo entra em decadência, então os moradores (já insatisfeitos) retornaram a festejar o santo no período de origem.

A atitude dos comunitários aumentou o conflito com a igreja, a qual definitivamente “proibia” a realização da festa, pois, de acordo com a instituição religiosa, se tratava de atos profanos e de heresia. A postura da igreja influenciou muitos comunitários, gerando também um conflito interno. Mas que nada disso impediu a festa de voltar a crescer, apesar das crises.

Com o objetivo de organizar e difundir a cultura do marujo, no ano de 2003 os comunitários se reuniram em assembleia e criaram a Associação dos Marujos de Freguesia do Andirá (AMFA), uma Entidade Particular sem fins lucrativos. Atualmente, a associação tem patrimônio de dois terrenos, que usa para as suas atividades, e possui 110 sócios, 50 Marujos, além de uma diretoria composta por seis pessoas.

Os marujos podem ser considerados comunicadores de folk, conforme as abordagens de Beltrão (1980), pois se utilizam da comunicação artesanal para difundir sua cultura e crenças, os quais passam a serem lideranças na comunidade, considerando que a devoção inclui tanto o São Benedito quanto os Marujos.

Esse grupo de comunicadores populares ao longo dos anos foi tendo várias lideranças chamadas de “Capitães”. Conforme Leão dos Santos, atual presidente da associação, os marujos já tiveram, desde 1864, uma sucessão de 15 capitães, são eles:

Benevente Crispim de Leão, Antoniozinho, Antônio Macário, Fulú Bastos, Anízio Basto da Silva, Norato, Lourenço Ferreira, conhecido como Lourenço Turú, Benedito Costa, Vicente Ferreira, Antônio Ferreira, Belú, Benício da Silva bastos, conhecido como Marrecão, Benício Bastos da Silva Filho, conhecido como Urubu, Raimundo Capucho de Souza, Conhecido como Carafeta e Rozildo Ferreira da Silva, conhecido como Boiéco.

Vale ressaltar, que na Festa dos Marujos de Freguesia do Andirá há uma predominância da participação de homens. O grupo procura manter vivas suas tradições, e passar seus ensinamentos para a nova geração. Atualmente, na festa, realiza-se a dança dos marujos, procissões, derruba do mastro, e bailes.

5.1 Preparação e início da festa

A festa acontece entre os dias 16 e 27 de dezembro. Nesse período, o laço entre os comunitários se estreita, fazendo uma intensa agregação social no local, firmada na fé ao Santo Preto. Os processos comunicacionais que acontecem na preparação e realização da festa ocorrem desde uma comunicação interpessoal até uma comunicação grupal

(BENJAMIM, 2001). Quem coordena os trabalhos, na maioria das vezes, são os membros da família do presidente da associação dos marujos.

Na semana da festa, os marujos e devotos começam a organizar o local da festa. São realizadas limpezas, assim como a ornamentação com bandeirolas coloridas, balões, flores, etc. O andor do santo também é confeccionado, geralmente, esse trabalho é feito por devotos (resultado de promessas), e, é entregue aos marujos no dia da procissão. Após a entrega, o andor é conduzido para a igreja do santo, localizada no centro do distrito, próxima da margem do rio.

Nesse processo de preparação, também são erguidos e enfeitados os mastros com a ajuda dos comunitários. No contexto das festas, os mastros são:

[...] troncos de árvores erguidos durante a festa, uma característica comum nos festejos de santo. Eles são ornamentados com plantas, frutos e objetos, sendo que na extremidade de cada mastro possui uma bandeira [...]. Conforme a cerimônia, eles são derrubados no último dia da festa ficando a disposição do povo, e as pessoas que pegarem as bandeiras serão parte da equipe de organizadores da festa do ano seguinte. (BELTRÃO JÚNIOR, 2015, p. 7).

Nos primeiros dias de festa, na maioria das vezes, somente os moradores de Freguesia participam das celebrações, frequentando as novenas, ladainhas, e o arraial do santo. Nesse espaço temporário da festa, ponto de encontro e comunicação, são montadas barracas de vendas, onde muitas pessoas aproveitam para ganhar um dinheiro extra. Realizam leilões com comidas típicas para ajudar a custear as despesas da festação, assim como um bingo, jogo que os comunitários compram e concorrem a prêmios.

A população de fora da comunidade chega ao distrito em massa apenas no penúltimo dia da festa, 26, considerado o mais importante, onde acontecem os principais ritos. Mas vale ressaltar, que a festa também se apresenta como um momento de diversão e lazer. Muitas pessoas seguem para o distrito no intuito de ter um contato com a natureza, “tomar” um banho de rio, fazer almoços acompanhados de bebidas. A praia do local passa a ter grande concentração de pessoas, em pontos de maior movimentação também são improvisados bares embaixo de árvores, e bancas de alimentos.

Geralmente, após os ritos religiosos e arraial, o ponto de encontro passa a ser na sede do distrito, local onde acontecem bailes e todos se reúnem para dançar ao som de bandas contratadas pela organização da festa, geralmente, de forró e bolero.

Apesar de momentos que fogem do aspecto religioso, a festa não perde de vista sua finalidade. Todos os ritos realizados em culto a São Benedito são respeitados, e no

momento em que acontecem, automaticamente param as demais atividades, mesmo daqueles que estão ali só por entretenimento.

Desse modo, a fé e devoção ainda são os principais motivos que unem a comunidade. A seguir, serão enfatizadas as duas principais características da festa, que apresentam várias oportunidades de comunicação: a dança dos marujos e as procissões.

5.2 Dança da marujada

O rito é uma forma de os agentes dessa manifestação religiosa estabelecerem relação com o santo padroeiro e com sua cultura. Todos aqueles que brincam e dançam a marujada são considerados Marujos, os atores principais da festa.

Ao som da caixinha, gambá, gajado e caraxá⁶, os marujos conduzem os ritos ao santo, vestidos com trajes específicos para a festa. O traje é composto por calça e camisa de punho de cor branca, boné com fitas coloridas e uma pala à altura dos ombros que pode ser azul, vermelha, ou verde. O calçado é peça obrigatória, podendo ser sapato, tênis, e chinelo.

Figura 1: Marujos na Igreja de Freguesia



Figura 2: Marujos na Igreja de Freguesia



Fonte: Clemente Valente

A dança da marujada é feita, basicamente, em quatro dias durante o período da festa, mas tendo maior ênfase no penúltimo dia, onde os marujos conduzem a procissão e se apresentam para o grande público. No rito de veneração ao Santo Preto, os integrantes cantam e dançam em filas paralelas ou em uma grande roda. Acompanhando a dança, os marujos batem do lado posterior da coxa um instrumento chamado gajado, emitindo um som característico de pinchas.

⁶ Instrumentos musicais confeccionados pelos próprios brincantes.

A última dança realizada pelos marujos é no último dia da festa, 27, em um rito chamado de “varrição”, que é o momento em que os marujos seguem as ruas do distrito agradecendo a comunidade, cantando e dançando. Eles são convidados pelos moradores para brincar em frente as suas casas, e assim, celebram o fim de mais uma festa.

Conforme o presidente da Associação dos Marujos de Freguesia do Andirá, Leão dos Santos, a dança dos marujos possui figuras importantes, são elas: Capitão, Contra-mestre, Mestre-Piloto, As Irmandades, Rainha dos Marujos, e Andador.

As Figuras dos Marujos	
Capitão	É o marujo responsável de “puxar” os cantos e danças. Tocando um pequeno tamborim, é soberano sobre os demais.
Contra-mestre	Figura que tem a missão de tocar o “ <i>refere</i> ” (apito) para chamar a atenção dos demais marujos quando se ausentam do local da brincadeira ou para chamar a atenção aos movimentos da dança. Além de ser a pessoa que faz a segunda voz dos cantos.
Mestre-piloto	Marujo que entoia e responde os versos dos cantos ou jornadas iniciadas pelo Capitão ou Contra-mestre. Também faz a terceira voz, sendo acompanhado pelos demais do grupo.
Irmandades	São sócios fieis aos Marujos, os quais acompanham em suas andanças nos locais de brincadeira.
Rainha	É a pessoa responsável por conduzir os marujos até o local de brincadeira. Pode ser uma jovem ou uma irmandade de mais idade. Soberana, tem autonomia para chamar a atenção, reaprende-os quando se equivocam ou saem do cordão da brincadeira.
Andador	É o marujo que determina ao grupo onde vai ser oferecido um almoço, um jantar, café, etc.

Fonte: Leão dos Santos

Com todas as figuras em harmonia, os marujos realizam a tradicional dança, acompanhada dos cantos, ritual que ultrapassa gerações. Desse modo, tendo em vista os rituais realizados na Festa dos Marujos, foi possível identificar, segundo Mauss (2005), os ritos nas duas ordens defendidas pelo autor: os manuais e os orais.

Enquanto nos ritos manuais têm-se como principais características os movimentos do corpo e deslocamentos de objetos, nos ritos orais, consistem as locuções rituais. De acordo com Silva (1997, p. 201) “[...] em meio à existência de uma simultaneidade de práticas, de combinações de gestos e situações articuladoras de uma linguagem, se expressa à vida cotidiana dos produtores da marujada de São Benedito”.

O repertório de símbolos presentes na dança (e na festa como um todo) atua como instrumento por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (BOURDIEU, 2011). São eles (os símbolos), tecidos no decorrer do tempo, que dão sentido a festa, e a organiza.

Nesse sentido, se tratando de uma manifestação popular, que expressa a voz do povo e que ultrapassa gerações, a dança dos marujos se configura como o principal fenômeno folkcomunicação da festa, que contribui para o fortalecimento da identidade do grupo.

5.3 Procissões

Na festa também são realizadas, no dia 26, procissões. Uma fluvial, pelas margens do rio Andirá, onde o andor do santo é levado pelos marujos, junto com suas bandeiras e instrumentos, em um barco enfeitado para a ocasião, e que é acompanhado pelos devotos em outras embarcações. E outra terrestre (após a fluvial), onde os devotos seguem o andor do santo pelas ruas do distrito, finalizando em frente à igreja, onde acontece o restante da programação da festa.

Figura 3: Marujos e o andor na procissão fluvial



Figura 4: Embarcações na procissão fluvial



As procissões são um momento de forte emoção para os presentes. Nelas, elementos folkcomunicaçãois estão presentes na afirmação dos devotos ao entoar pedidos de proteção a São Benedito, pois depositaram uma confiança no santo protetor. Vale destacar, que as procissões, assim como a festa como um todo, também representam agradecimento. Pessoas de várias localidades vão pagar as suas promessas ao santo, ato sagrado e obrigatório.

O que explica tal fato é o caráter religioso que envolve o acontecimento, sempre ligado à fé e à devoção do grupo, caracterizando a festa como mediadora do encontro de Deus com o povo, ritualizando as atividades voltadas ao sagrado e ordenando a maneira pela qual a festa é conduzida pelos atores sociais que a compõem, pois todo festejo tem um rito e este rito tem sua ordenação que não muda. (BARROS, 2002 apud SARAIVA E SILVA, 2008, p. 11).

Nesse sistema de comunicação artesanal, as promessas são manifestadas de várias formas, seja por meio de imagens e objetos (fitas, velas, etc.), sacrifícios pessoais, doações e contribuições para festa, ou mesmo a participação fiel em todos os ritos e em todos os anos do festejo.

Outra característica das procissões são os cantos, manifestação oral que atua como invocações ritmadas ao santo, onde os participantes se unem em uma única voz. De acordo com Galvão (1976, p.30) a comunicação ou aproximação com o santo para dele se obter auxílio se faz, sobretudo, através de ladainhas e novenas, independente de tratar-se de orações da igreja ou capela, ou nos pequenos oratórios domésticos.

As orações são as mesmas dos cultos oficiais da igreja católica, onde os devotos exprimem seus sentimentos e ideias por meio de palavras, como destaca Mauss (2005), numa linguagem que tem uma meta e um efeito.

O andor que traz o santo é o centro das procissões. Enfeitado a cada ano, geralmente, com fitas e flores, é conduzido por fieis sendo alvo de súplicas. Muitos tocam e beijam nas fitas como forma de devoção e respeito. Outros ficam segurando nas quatro cordas do andor, que ficam esticadas em meio aos devotos, formando uma corrente de fé. Nesse caso, podemos perceber que o contato, a comunicação com o divino se dá por meio do simbólico, que é visto, nesse contexto, como sagrado.

6 Considerações finais

Atuando como uma manifestação de resistência, a Festa dos Marujos é um marco na história e na cultura do distrito de Freguesia do Andirá, e também pode ser identificada como um fenômeno folkcomunicação, pois é uma festa popular produtora de bens simbólicos e nas suas variadas formas de sociabilidade constitui um sistema próprio de comunicação.

Comunicação esta presente nos rituais realizados na festa, que expressam a vida cotidiana dos marujos, que juntos partilham suas experiências, cultura, e fortalecem sua identidade. Comunicação presente nas promessas, onde o caboclo amazônico faz seus pedidos de proteção ao Santo Preto, assim como “paga” as graças alcançadas. Comunicação firmada na tradição oral, dos cantos, orações, e que mantém viva esta festa hoje.

Comunicação interpessoal, comunicação grupal, selada pelo forte sentimento de devoção ao santo e a marujada, que mobiliza a comunidade a deixar suas atividades cotidianas para participar do festejo, em um momento de fé, alegria, suspensão de problemas, e esperança.

Referências

- BAKHTIN, Michail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: UnB, 1987.
- BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BELTRÃO JUNIOR, H. R. **Processos Folkcomunicacionais na Festa de São Lázaro, Parintins – Am**. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Manaus - AM – 28 a 30/05/2015.
- BENJAMIN, Roberto. **As festas populares como processos comunicacionais: revisando o pensamento de Luiz Beltrão**. Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional, Ano V, n.5, 17-24, jan/dez, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. – 7. Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Festas religiosas e populares na Amazônia**. 2007.

FERRETTI, Sergio F. **Estudos sobre festas religiosas populares**. In: Estudos da Festa/ Linda Rubim e Nadja Miranda (Organizadoras). – Salvador: Edufba, 2012.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Ecoturismo, Festas e Rituais na Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 1999.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas**. 2. Ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1976.

LIRA, Lúcia Maria Barbosa; SILVA, Edgard Soares da. **Festas de São Benedito em algumas cidades amazônicas: religiosidade, fé e devoção**. In: 2º Simpósio Internacional de História das Religiões. XV Simpósio Nacional de História das Religiões, Florianópolis, 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Menanésia**. Tradução Anton P. Carr e Lúcia Aparecida Cardieri Mendonça. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUÉS, R. Heraldo. 1995. **Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: CEJUP, 1995.

MAUSS, Marcel, **Ensaio de Sociologia**. Tradução [Luiz João Gaio e J. guinsburg]. – São Paulo: Perspectiva, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

MIGUEZ, Paulo. **A festa: inflexões e desafios contemporâneos**. In: Estudos da Festa/ Linda Rubim e Nadja Miranda (Organizadoras). – Salvador: Edufba, 2012.

RECUERO, Carlos Leonardo Coelho. **Festas religiosas na Ilha dos Marinheiros: os ilhéus entre o sagrado e o profano. Um estudo Fotoetnográfico**. Dissertação de mestrado - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, 2008.

SCHMIDT, Cristina. **Folkcomunicação: estado do conhecimento sobre a disciplina**. Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom. Ano 1, edição bimestral, nov e dez, 2008.

SILVA, Dedival Brandão da. **Tambores da esperança: Um estudo sobre cultura, religião, simbolismo, e ritual na Festa de São benedito da cidade de Brangança**. Belém: Falangola Editora, 1997.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos**. In Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares. Brasília, 2005.